

JOSÉ BENTO

Entrevistado por Maria Augusta Silva

2003

Num tempo em que é de bom tom as pessoas terem uma agenda preenchida, surpreende encontrar alguém que responda assim: «Escolha o dia da entrevista, a minha agenda está sempre em branco... Não tenho compromissos com datas marcadas, recebo convites para muitos sítios mas, por uma questão de egoísmo, de fazer só aquilo que quero, de estar com a família, raramente vou a algum lado. Gosto de conviver, porém detesto o mundanismo e não me dou com o poder, seja qual for».

Qual o seu modo de estar no mundo?

O de alguém que procura dar à simplicidade um sentido de nobreza e despojamento.

Está a traduzir aquele que é considerado um dos maiores livros de sempre: *Dom Quixote*, de Cervantes. Enquanto tradutor obriga-se a convencionalismos?

Não sou um teórico. Interesso-me muito pelo ensaísmo, pelas ideias, não como teoria filosófica mas como uma filosofia para a vida.

Segue na arte da tradução o «livre rumo» do poeta?

Não um livre rumo, porque o tradutor tem sempre a conduzi-lo a mão de quem escreveu o original. Mas dentro dessa sujeição deve haver um espaço de liberdade sem trair o autor. O tradutor não pode ser um traidor.

É aceitável que nessa liberdade entre a recriação de quem traduz?

Com certeza. Não há uma única forma de traduzir. Nem se pode traduzir um autor de quem não se conheça bem o que pretendia, qual a cultura e linguagem da sua época, quais seriam as limitações exteriores a que teria de obedecer.

Será lícito ferir-se ou até abolir-se o que está num texto original?

É lícito na medida em que uma tradução é composta por diversas parcelas. Muitas vezes, para conjugar essas parcelas, para obter o seu total, para que o meu total seja equivalente ao do autor, tenho de alterar parcelas de modo a que, somando-as, o total da tradução possa equivaler ao total do original.

Que significa alterar parcelas?

Ao traduzir, por exemplo, um soneto de Quevedo, por vezes não traduzo literalmente cada verso. Para obter a cadência e o ritmo que fazem parte da poesia, procuro, sobretudo, embora sem arcaísmos, dar o espírito do autor. Temos de aplicar à tradução o espírito evangélico de que a letra mata e o espírito dá a vida.

Estamos a falar de um ato criativo, de obras de arte...

Não traduzo um verso palavra por palavra, se calhar nem traduzo as palavras todas de um verso ou ponho palavras que não estão lá mas que fazem daquele verso um verso bonito, bem estruturado, um verso dentro do tal espírito do original.

Nesse caso, quem é o autor do livro: o tradutor ou o escritor?

A tradução é um género e deve ser medido por uma medida diferente. Não posso aplicar a uma tradução o mesmo instrumento de medida com que meço um original. Na tradução, eu é que tenho de fundar o discurso sobre o original.

Tem que ver com a «consciência de linguagem» de que nos fala Steiner?

Steiner é dos poucos ensaístas que vale a pena ler sobre tradução. Não impõe limitações, *não põe portas ao campo*. Para respirar é preciso ter pulmões.

Aquilino Ribeiro traduziu também *Dom Quixote* e logo no começo, onde Cervantes diz: *En un lugar de Mancha, de cuyo nombre no quiero acordarme(...)*, Aquilino traduz assim: *Em certo lugar da Mancha, o nome amanhã o direi (...)*. E chega a passar por cima de algumas frases... Vale?

Aquilino deu-nos de *Dom Quixote* uma versão em muitos aspetos feliz e noutros (como, por exemplo, a tradução dos poemas) desacertada e infeliz. Mas Aquilino era tão grande escritor que podia dar-se ao luxo dessas brincadeiras.

Essas «brincadeiras» não o chocam?

Não me chocam nada. Um grande princípio da criação é o infinito da liberdade, seja na escrita, na música, na pintura.

Já imaginou um encontro entre Cervantes e Aquilino?

Aquilino receberia Cervantes de joelhos. Entre o primeiro e o segundo volume de *Dom Quixote*, Cervantes fez um intervalo de dez anos.

Dá-se conta de influências distintas de um para outro volume?

Sim, porque as características estéticas da própria Espanha mudaram. No segundo volume já se sente mais o olho da «santa» Inquisição a correr atrás dele. O primeiro deve ter sido escrito talvez ao longo de uns 15 anos, enquanto o segundo admito que foi em menos tempo, é uma prosa mais apertada e, a partir de uma certa altura, parece que há pressa de acabar.

Cervantes transfere o seu ego para o desempenho das personagens?

Quando escreve *Dom Quixote*, vive em tempo de velhice, de pobreza, de humilhação em relação aos grandes escritores seus contemporâneos. Era marginalizado por ser pobre, por ter uma família com muitos casos que estavam escondidos quanto possível.

Tê-lo-á escrito para vingar-se?

Uma espécie de vingança, sim. No prefácio do segundo volume há um ataque feroz a Lope de Vega, símbolo máximo do esplendor da literatura bem aceite pelos grandes desse tempo. Vega era um subserviente que toda a vida buscou e teve o amparo do poder. Cervantes chegou a estar preso por razões mesquinhas. Muitas das suas pretensões foram frustradas, beneficiando quem valia menos do que ele.

Sente-se apaixonado pela tradução que está a realizar?

Há sempre uma fase inicial em que penso que não serei capaz, tenho muitas dúvidas; depois, dá-se uma outra fase em que digo: afinal parece que vou conseguir. Estou nessa fase. Não posso traduzir, no entanto, muitas páginas de *Dom Quixote* por dia porque tenho outras coisas para escrever.

Sendo por excelência um tradutor de escritores de língua castelhana, como a harmoniza com o português?

O castelhano tem uma sonoridade e uma sintaxe diferentes. Mas tento tirar partido de tudo o mais que aproxima as duas línguas.

Há matizes comuns...

Matizes comuns todavia com alguns que são enganosos, os tais falsos amigos.

É suposto que dado o fulgor literário de Cervantes existam muitas armadilhas em *Dom Quixote de la Mancha*. Como se liberta delas?

A primeira dificuldade está em saber se isto ou aquilo é uma armadilha. Cervantes tem um léxico limitado. Uma mesma palavra pode querer dizer uma coisa num sítio e noutro sítio outra. Preciso de ter sensibilidade para atingir os diferentes significados e depois pôr essa ideia de significado em palavras do português que sejam merecedoras de Cervantes.

Com que personagens lhe tem sido mais grato trabalhar: Dom Quixote, Sancho Pança, Dulcineia, embora esta seja alguém imaginado...?

A maior figura, para mim, é Dom Quixote. Muitas das suas frases são quase evangélicas. Tem, até, um exército de ovelhas... Existe todo um conhecimento que acaba por fazer de *Dom Quixote* um grande livro filosófico. Dom Quixote não é um tonto, é dono da sua loucura.

Discorre sobre as mais diversas áreas, da política às artes, da história às ciências, com uma lucidez notável, mesmo na forma como parodia os grandes temas em literatura.

Um dos capítulos marcantes desta obra é o da luta contra os moinhos de vento. Ao fim de quatro séculos, continua atual?

Apenas mudam de vestes, o corpo continua a ser o mesmo. Os políticos e os politiquinhos daquele tempo não são diferentes dos atuais. No desenrolar dos séculos, e em termos de lutas por ideais, é possível, contudo, que hajam pequenas vitórias; nesse aspeto, a condição humana tem conhecido progressos assinaláveis, não estamos como antes da Revolução Francesa.

Casos há em que literatura e ideologias se confundem...

Às vezes, as ideologias têm nos livros uma forma institucionalizada. O ideal seria um máximo divisor comum das grandes coisas.

Como entrou na tradução de autores de língua castelhana?

Lia e leio muito. Foi algo que se incorporou no meu código genético.

Tradutor, profissão muito desamparada em Portugal?

Eu não me sinto desamparado. De uma maneira geral, porém, acho que sim. Devia dar-se aos tradutores formação adequada e melhorar as suas condições de trabalho, uma vez que demonstrassem ser bons profissionais. Precisamos de uma classe de obreiros devidamente incentivada e considerada.

Não é um profissional da tradução?

Não. Torna-se difícil ser profissional da tradução em Portugal. Chega-se a ser injusto com os nossos tradutores porque não se têm em conta as condições duríssimas em que muitos trabalham.

De qualquer modo o tradutor acabará por ser economicamente mais compensado do que o autor?

Como poeta nunca quis receber dinheiro. Como tradutor, por vezes também não, noutros casos sim.

Com tantos registos literários e línguas na cabeça, já teve a sensação de viver na torre de Babel?

Tenho muitas vezes a sensação de que traduzi de mais.

Algumas obras não valeram a pena?

Penso que pus dentro do português muitas obras-primas; outras não justificavam a sua tradução.

Dos poetas que tem traduzido, algum o cativou em especial?

S. Juan de la Cruz. A primeira vez (anos 60) que publiquei uma tradução dele (*Cântico Espiritual*) para uma revista, não sabia, todavia, o que estava a fazer.

Nesse ofício, atingiu a maturidade em que momento?

Ainda hoje cometo grandes erros. Um dos momentos em que me senti mais contrariado comigo mesmo foi quando li uma crítica em que se dizia mal de uma tradução minha. Mas reconheci que a crítica tinha razão. E fiquei contente, por outro lado, por ter aceitado essa crítica sem tristeza.

Um poeta com quem tenha «lutado» mais?

Há poetas com que lutamos a vida inteira.

Quando alguém traduz, como traduziu, *O Grande Teatro do Mundo*, de Calderón, fica realizado?

Embora seja uma grande peça não é o meu texto eleito. *Coplas*, de Manrique, por exemplo, ou *Cântico Espiritual*, de S. Juan de la Cruz, sim, vou mais por aí, há neles uma grande dose de aventura.

É um poliglota?

Antes do castelhano, sabia melhor o francês e o inglês, que leio e escrevo ainda hoje correntemente. Traduzi coisas do francês apesar de nunca as ter publicado. Depois fiquei de tal maneira preso aos autores de língua castelhana que não me quis dispersar.

Já lhe aconteceu ter lido alguma tradução de uma obra portuguesa que o deixasse arrepiado?

Que me lembre nunca analisei uma tradução de obra portuguesa para qualquer língua. Verificaram-se este ano, no nosso país, traduções de referência, entre as quais *Odisseia* ou *Em Busca do Tempo Perdido*. Isto corresponde a um mercado cultural atento e dinâmico? A edição de obras tão diversas, afastadas no tempo, indispensáveis, são uma

ousadia dos tradutores e editores. Oxalá encontrem nos leitores o merecido acolhimento. Lembremos que no país tão pobre e de tão frágil apetência de leitura, a venda de livros tem diminuído de modo preocupante para quem tudo joga na cultura.

Não deixa de ser curioso que muitas das traduções, em todo o mundo, sejam feitas por escritores...

Em geral, são os mais aptos e os mais dispostos para o sacrifício que é a tradução.

A literatura pode ter muita força nos comportamentos sociais?

Basta ver como muitos escritores foram perseguidos. Não se perseguem os gatos mortos, só os tigres vivos, os incómodos. Em todas as épocas, inclusive na nossa sociedade, encontramos escritores que têm sido calados. Fazer não pensar é o que interessa...

Sentiu-se alguma vez a fazer um papel quixotesco?

Não abraço grandes lutas, sou uma pessoa que nunca gostou de dar nas vistas. As minhas lutas são interiores, por onde passa a minha vida toda.

Não se empenha no coletivo?

Sim, mas não sou um homem de fazer cedências. Ninguém me pode apontar uma cedência e muito menos o ter sido alguma vez subserviente ou servido interesses que não fossem interesses elevados. Nunca me vendi.

Sente-se melhor na pele de poeta ou na de tradutor?

Estou mais à vontade como poeta. Serei mais vulnerável como tradutor. Se me dissessem: *só podes ser uma coisa*, eu preferia ser poeta.

Como poeta não publica muito. Saiu agora, porém, a antologia de poemas *Alguns Motetos*. Não publicar muito acontece a quem muito traduz?

Se traduzisse menos, poderia ter escrito mais, mas não quer dizer que tivesse escrito melhor. Em poesia, a quantidade tem um interesse relativo. Creio que a minha poesia não é repetitiva. Quando escrevo e penso *já disse isto*, desisto; julgo que não conseguiria dizer melhor do que já disse.

E o poeta que lê e traduz tantos poetas admite que em termos criativos possa dar-se uma interanimação?

Após traduzir tantos poetas de língua castelhana, só se fosse muito burro ou não soubesse ler é que não teria aprendido alguma coisa.

Escreve assim: «Vou andando e andando / meu horizonte é cada vez mais longe». Este seu caminhar é uma influência do poeta espanhol Antonio Machado?

Antonio Machado é um mestre, um poeta sem tiques, enquanto há grandes poetas, porventura maiores do que Machado, que têm tiques e os influenciados deixam-se levar por esses tiques. Rilke, por exemplo, é um poeta com muitos tiques, aquelas exclamações, os termos filosóficos, sendo no entanto um grande poeta, talvez o maior do século XX. Também fui influenciado por Rilke mas procurei não lhe repetir os tiques. Os tiques são o mais fácil; difícil é ver o que corre debaixo da terra, o mais profundo do poema.

A aproximação a Rilke (que, aliás, nunca traduziu), prende-se com as lutas da interioridade?

E com a curiosidade que tenho por todos os grandes poetas, desde que descubra um texto suficientemente fidedigno quando não encontro o original. Conheci Rilke muito cedo pelas traduções de Paulo Quintela.

Está a falar de fidedignidade nas traduções... Uma contradição com o que já atrás me disse?

Paulo Quintela é acusado de uma excessiva proximidade da palavra do original, não sei, no entanto, avaliar até que ponto é verdade.

Por que leva para a sua poética um agudo sentido de alienação?

Esse sentimento de alienação existe e mata as sociedades modernas.

Mas prefere trabalhar com o imaginário, como sonho?

Tenho dificuldade em ser realista por mais que inveje alguns poetas realistas. Também não sou surrealista. A minha poesia é mais a da imaginação e da musicalidade.

Às vezes, a musicalidade pode dizer mais do que as palavras. Não será por acaso que diz: «Música/é a espiral que jorra»...

O meu único vício confessável é o de ouvir música, mais música clássica, da medieval à moderna.

Tem bom ouvido, ouvido apurado?

Se tivesse agora sete anos ia estudar música, não digo que deixasse as palavras, até porque na escrita o bom ouvido é igualmente importante. Mas gostaria de saber tocar.

Piano?

Não piano, que é mais complicado de levar de uns sítios para os outros. Talvez violino.

Costuma ler os poemas de sua autoria (e os que traduz) em voz alta?

Não. Detesto dizer poesia, detesto poesia dita mas já tenho dito poesia em alguns sítios. Também tenho direito às minhas manias...

Um Sossegado Silêncio (novo livro), é uma procura de «lugar nenhum»?

Talvez não seja uma procura. É um estar em lugar nenhum.

Parece haver uma tormenta em alguns versos seus, contudo tem um olhar sereno... O olhar sabe mentir?

Oscilo entre a serenidade e a tormenta.

A sua Antologia Espanhola de Poesia Contemporânea é considerada das melhores alguma vez feitas sobre poética de expressão castelhana. Não se envaidece?

Tenho uma certa incapacidade de me julgar. Admito que seja uma das antologias mais completas.

Procura sempre integrar poetas que foram marginalizados... Não entram em nenhuma antologia.

Em todos os campos há sempre quem tente empurrar o parceiro para o barranco.

A criatividade poética portuguesa continua a fazer jus à sua boa fama?

Prefiro não dizer nada. Sobre os bons não é necessário eu dizer alguma coisa. Os outros já estão reduzidos à sua pequenez.

Não têm surgido valores estéticos que o sensibilizem?

Não digo que depois de mim é o dilúvio. Há excelentes poetas mas não me parece que sejam tantos como se quer fazer crer.

Temos melhores prosadores do que poetas?

A prosa portuguesa posterior à Agustina Bessa-Luís (que admiro muitíssimo) desconheço-a quase por completo.

Anda desatualizado?

Desatualizado e não tenho pena nenhuma. Não pretendo ser enciclopédico.

Olhe que há mais ficcionistas depois de Agustina...

Eu sei.

Posso perguntar-lhe: que mais ama?

Avida com todas as suas paixões, justiça e injustiças, grandes causas e causas perdidas. A única coisa que nos prende à vida é o amor.

O amor anda bem tratado?

Maltratado. As sociedades são hoje construídas de egoísmo. Os sentimentos contam pouco, os grandes valores estão menosprezados. O homem é detestado pelo homem. Valoriza-se a aparência e o negócio seja com o que for.

Se calhar foi sempre assim, agora será mais visível...

Com o poder das técnicas, das máquinas que transformaram a guerra em espetáculos mediáticos, assistimos hoje à guerra tal como se via antigamente numa peça de Gil Vicente. E assiste-se às coisas mais cruéis com uma frieza tremenda. Quem promove tudo isso não o faz por amor a nada nem a ninguém. Pretende-se deformar as pessoas. Há uma deformação geral das mentalidades. E as pessoas acabam por estar mais sozinhas, são olhadas como meros números estatísticos.

Está a escrever mais poemas?

Tenho um livro com numerosos poemas, alguns inéditos. Mas a publicação recente de *Um Sossegado Silêncio* e de *Alguns Motetos* parece-me que tornam inoportuna a saída imediata de outro.

Uma autodefinição do poeta José Bento?

O poeta não é um fingidor.

© MARIA AUGUSTA SILVA